

MEMÓRIAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE LETRAS

Non multa sed multum

Américo da Costa Ramalho 1921–2021

MARGARIDA MIRANDA



**ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA**

LISBOA • 2025

Título: Non multa sed multum. Américo da Costa Ramalho 1921–2021

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Data de edição: 2025

DOI: <https://doi.org/10.58164/pzjx-e325>

Non multa sed multum
Américo da Costa Ramalho 1921–2021

MARGARIDA MIRANDA

Foi com um misto de alegria e de inquietação que aceitei o alto cargo de usar da palavra na tribuna nobre desta Academia. Faço-o na condição de antiga aluna do Senhor Doutor Américo da Costa Ramalho, para evocar a lembrança, modesta, mas funda, daquele que me abriu a porta aos Estudos Neolatinos e que foi um dos maiores rostos dos Estudos Clássicos em Portugal.

Evocada que foi já a estatura da sua obra científica e literária, começaria por lembrar o homem alto e aprumado, de passo firme e voz forte, que conheci nas aulas de Literatura Latina, em meados da década de oitenta, na Universidade de Coimbra.

Se a pátria de um homem é a sua infância, o Doutor Ramalho era filho de militar e da sua pátria, a cidade muralhada de Almeida, trouxera sempre consigo os traços da austeridade, que lhe moldou a vida. Era a austeridade dos que trabalhavam na demanda da verdade e exigiam dos outros o mesmo rigor que exigiam de si próprios.

Muito honesto estudo, misturado com muito talento e virtude valeram-lhe, na carreira académica de Coimbra, um *cursus honorum* fulgurante, desde a notável passagem pelo Liceu Dom João III, até à posse como Professor Catedrático, aos 33 anos de idade. Não tardaram, por isso, as ocasiões de servir a Academia com responsabilidades orgânicas e administrativas: a direcção da Faculdade de Letras, a direcção do Arquivo da Universidade, a Direcção do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e a direcção do Instituto de Estudos Clássicos.

Para uma jovem estudante de meados da década de 80 do século XX, a sala de aula chegava a ser um lugar intimidante, mas as aulas do Doutor Ramalho nada tinham de sombrio ou de tenebroso. Aqueles que gostam de parecer profundos diante do público esforçam-se por ser obscuros; mas aqueles que se sabem profundos esforçam-se antes por ser claros. O pensamento e a palavra do Doutor Ramalho eram um caudal de águas claras e cristalinas, ainda que nem sempre

mansas. O Doutor Ramalho pertencia a uma geração de mestres para quem as Humanidades eram relevantes. Por isso, a sua palavra às vezes era incisiva como espada, como quando, com a convicção de um guerreiro, alimentava as mais acesas polémicas científicas entre pares; mas nunca era cinzenta, nem vaga, nem incerta ou desinteressante.

O magistério do Doutor Ramalho alimentava-se directamente das fontes da sua investigação. A formação greco-latina que obtivera em Coimbra foi adensar-se em Oxford e ali começou não só a internacionalização da sua carreira como também o alargamento de horizontes, à luz dos quais via o mundo da cultura e do saber. A permanência em Nova Iorque, Rio de Janeiro, Paris, Granada e Salamanca, em cujas universidades ensinou, marcou o modo como exerceu a função de mestre e de investigador, não só na relação com os muitos discípulos que fez, como na contínua actividade das publicações que desenvolveu.

NON MULTA SED MULTUM

Num mundo académico onde prevalecem os indicadores bibliométricos da produção científica e onde a escassa profundidade das letras mal se disfarça com a amplitude artificial de palavras herméticas, chama a atenção o trabalho silencioso de leituras críticas que o Doutor Ramalho sempre manteve e que se espelhou no ritmo inusual de resenhas bibliográficas que foi publicando, em diálogo com os seus pares. Creio que, dessa sua capacidade de leitura crítica, conjugada com a sólida formação clássica e filológica e com a largueza de horizontes sobre o mundo, nasceu o traço mais distintivo da sua actividade académica, que resumo nas palavras de um dos seus mais brilhantes discípulos, o Doutor Jorge Alves Osório: tornar visíveis e valorizar as coisas portuguesas, ou demonstrar a europeização cultural dos portugueses¹.

Ao longo de uma carreira de investigação cuidada, informativa e esclarecedora, que não esqueceu a relação da cultura portuguesa com as outras culturas, o Doutor Ramalho mudou qualitativamente a historiografia quinhentista portuguesa, ao enriquecê-la com a autoridade das fontes. Nas palavras de outra grande

¹ OSÓRIO, Jorge Alves. “Américo da Costa Ramalho: o Mestre e a sua obra” in José Ribeiro Ferreira (Ed.) *Três mestres, três lições, três caminhos*. Coimbra: Simões e Linhares, 2009: 46.

discípula, a Doutora Nair Castro Soares, prefaciando uma das suas obras, o Doutor Ramalho tornou-se embaixador da cultura e do nome de Portugal, na Europa, na América e na Ásia².

Ao rigor do seu trabalho daria eu como epígrafe a sentença latina: *non multa sed multum*. Sempre com base num sólido conhecimento dos factos e dos documentos, o seu impulso era acima de tudo dar exactidão à verdade, iluminar pontos de vista há longo tempo desfocados, por meio do subsídio de dados menos acessíveis à generalidade dos leitores e dos investigadores. Por isso, cada artigo que publicava podia ser breve, mas incisivo. Passo a passo, acrescentava mais um traço na precisão da verdade, sempre com a preocupação maior de “passar além do véu diáfano da fantasia e esclarecer, iluminar, desfazer a confusão” como dele escreveu José Ribeiro Ferreira³. E assim o Doutor Costa Ramalho estendeu o manancial das fontes a uma escola de discípulos a quem comunicou o mesmo fascínio pela história - mas a história como ciência, mais do que como opinião volúvel.

Desiludam-se os que esperam encontrar nos escritos do Doutor Ramalho o discurso encomiástico do passado, as “banalidades ditas e reditas” ou as afirmações “mais ou menos patrioteiras”, como ele próprio anunciou em 1975, no prólogo aos seus “Estudos Camonianos”⁴. O Doutor Ramalho viveu numa Universidade que não trocava o que é intrinsecamente valioso pelo que é mais *conveniente* em ambiente académico.

Porém, a ofensiva cultural que hoje assalta o mundo ocidental, especialmente o mundo académico euro-americano, tende a reduzir a universidade ao combate político, sem proteger o espaço cultural para a discussão e o debate. O cânone ocidental e os clássicos tendem a ser acantonados com repúdio, pois qualquer juízo de valor é visto como suspeito, a menos que resulte na condenação da cultura ocidental, europeia e cristã, alegadamente branca, suprematista, colonialista e patriarcal. Do alto da supremacia moral com que se olha para o passado, só são legítimas as vozes do activismo político para condenar as “relações de poder”, os “conflitos de interesses” e outros semelhantes.

² SOARES, Nair Castro. “Prefácio”. In *Para a História do Humanismo em Portugal de Américo da Costa Ramalho*. Vol. V. Coimbra: IUC, 2013, p. 8.

³ FERREIRA, José Ribeiro. *Três mestres, três lições, três caminhos*. Coimbra: Simões e Linhares, 2009, p. 58.

⁴ RAMALHO, Américo da Costa. *Estudos Camonianos*. Coimbra, CECH e Instituto de Alta Cultura, 1975.

Sob esse ponto de vista, a obra do Doutor Ramalho daria eventualmente pasto às chamas, uma vez que o seu interesse científico, tal como o de Homero, não se reduzia às *vítimas* da humanidade, mas também aos seus *heróis*: aos súbditos japoneses visitados pelos missionários europeus e aos súbditos europeus visitados pelos *daimios* japoneses — como se desprende da obra paradigmática de Duarte de Sande, que tive o privilégio de conhecer por sua mão, no Seminário de Mestrado em 1991.

A obra do Doutor Ramalho situa-se no oposto da “cultura ocidental do cancelamento” — aquela que assiste silenciosa ao esvaziamento e até à destruição da sua memória, para evitar o risco da dissidência. Disposto a pagar o preço do desacordo, e com total independência intelectual, o Doutor Ramalho deixou-nos uma obra que não alcançou os espectáculos televisivos, nem chegou aos supermercados dos livros, mas abriu novos caminhos à investigação. Demonstram-nos isso as dezenas de dissertações de licenciatura que impulsionou directamente, quando, a partir da década de 50 e de 60, na formação dos licenciados destinados ao ensino, prevalecia ainda a competência científica dos futuros professores.

NO OUTONO DA VIDA

Gostaria, por fim, de expor o meu testemunho mais pessoal de ex-aluna e orientanda do Senhor Doutor Ramalho já depois da sua jubilação, em 1991, pois ele nunca deixou de trabalhar.

Com o risco de alguma irreverência, eu diria que a maior lição que recebi do Senhor Doutor Ramalho foi a lição de vida que me foi dada fora das salas de aula. Permitiram as vicissitudes da existência que eu e minha irmã Carlota, que com ele lidávamos mais de perto, acompanhássemos o Outono da sua vida, sob o braço protector de outro grande amigo, o Senhor Doutor Ribeiro Ferreira.

“Todos imos embarcados na mesma nau, que é a vida, e todos navegamos com o mesmo vento, que é o tempo.” — diz Vieira⁵. Esse vento, que a todos impele, não poupou às maiores adversidades aquele que fora o homem alto e

⁵ “Sermão da Primeira Dominga de Advento”, in *Sermões do P. António Vieira da Companhia de Jesus, Visitador da Província do Brasil*, Quinta Parte. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1689, pp. 21-22.

aprumado, de passo firme e voz forte. Depois de lhe sorrir por cinco breves anos (que ele dizia terem sido os anos mais felizes da sua vida!) no rosto da Marise, o tempo reservara-lhe uma longa enfermidade. Mas nem os problemas de visão, que então se agravaram, o impediram de continuar a investigar e a partilhar o seu saber. Pelo contrário, graças ao Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, o Doutor Ramalho bendizia as maravilhas da tecnologia que lhe consentiam vencer as dificuldades de leitura ampliando, num écran, a mancha gráfica de qualquer livro! Uma última cirurgia aos olhos roubou-lhe a esperança de recuperar a visão, mas não lhe roubou o entusiasmo com que ouvia recitar longos versos de poesia dramática do século XVI, cheios de artificiosismos retóricos, para depois, com a ajuda de expedientes métricos, esclarecer os maiores enigmas da poética latina. Quando a tecnologia já não era suficiente para iluminar a noite que lhe cerrou os olhos, o Doutor Ramalho tinha ainda a sua filha, a Dr.^a Regina, que lhe lia diariamente algumas horas pela manhã, ou que lhe gravava, em áudios, as leituras a fazer e as arguições que ele tinha de preparar de memória (como fez com a arguição da minha tese de doutoramento, em 2002).

Para apresentar publicamente as suas palestras, tive eu o privilégio de lhe emprestar a voz, sentada à sua direita, numa leitura que antes passava sempre pela sua cuidadosa aprovação. Assim aconteceu em Coimbra, em Braga, em Lisboa, no Porto e até em Roma, onde eu me encontrava quando viajou sozinho, em 1998, a convite do Instituto Português de Santo António (IPSAR). E foi assim que, em 2010-11 acompanhou a publicação do 5.º Volume *Para a História do Humanismo em Portugal*, cujo texto, juntamente com a Doutora Nair Castro Soares e a Doutora Carlota Miranda Urbano, ajudei a fixar⁶.

“Cegueira que cega cerrando os olhos, não é a maior cegueira; a que cega deixando os olhos abertos, essa é a mais cega de todas,” pregou Vieira⁷. A primeira cegueira, não a segunda, atingiu o homem alto e aprumado, mas o passo foi sempre firme e a voz foi sempre forte. As provas eram vencidas à custa de uma força de vontade superior. As condecorações, os títulos honoríficos, as obras

⁶ Américo da Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal*. Vol. V. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2013.

⁷ “Sermão da quinta Quarta-Feira de Quaresma na Misericórdia de Lisboa, 1699” in *Sermões do P. António Vieira da Companhia de Jesus, Pregador de Sua Alteza*. Primeira Parte. Lisboa: Oficina de João da Costa, 1679, pp. 616-617.

publicadas... eram conforto, mas sabia-os agora glórias volúveis. Por fim, a sua solidão estava sobrepovoadada da preocupação pela saúde precária da filha, a quem já não podia acudir. Porque o queixar-se não era próprio da rija tèmpera do académico beirão, não lhe ouvíamos outro queixume senão esse...

Vigilantes, os olhos do entendimento e da alma não apagaram nunca aquela aliança entre a Fé e a Razão com que foi escutando, cada vez mais alto, o apelo da eternidade. E foi assim que um dia ouvimos o mesmo homem alto e apuramado, de passo cada vez menos firme, e voz cada vez mais serena, a convidar-nos para rezarmos com ele...

A razão por que não achamos o descanso é porque procuramos onde ele não está. E o Doutor Ramalho tinha encontrado o seu descanso.

O FUTURO DO DOUTOR RAMALHO

“Porque o bem”, escreveu Vieira, “ou é presente, ou passado, ou futuro: se é presente, causa gosto; se é passado, causa saudade; se é futuro, causa desejo”⁸. O presente do Doutor Costa Ramalho é a celebração dos cem anos do seu nascimento, ocasião para congregar em espírito grande número dos que fomos seus discípulos e lhe somos tributários. O passado do Doutor Ramalho é a evocação saudosa do seu perfil de investigador e académico, de professor universitário e de deputado da Assembleia Nacional, a defender activamente os professores e a presença das línguas clássicas no *curriculum* de estudos... E o seu futuro? Tem futuro o Doutor Ramalho, ou já corre o risco de se desvanecer nas cinzas do passado?

O Instituto de Estudos Clássicos, o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos são algumas das instituições que ainda hoje dão vida e futuro à obra do Doutor Ramalho; e como esquecer os muitos discípulos que deixou em todo o país e na Lusofonia, e a continuidade que têm dado à sua actividade científica? Uma das maiores expressões colectivas do seu labor de investigação foi, na

⁸ “Sermão de N. Senhora do O, na igreja de Nossa Senhora da Ajuda, na Bahia, 1640” in *Sermões do P. António Vieira da Companhia de Jesus, Pregador de Sua Majestade*, Quarta Parte. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1689, pp. 21-22.

verdade, a “escola” universitária a que deu origem. Refiro-me sobretudo à mais recente Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos (APENEL), em boa hora fundada por um dos seus grandes discípulos, o Doutor Sebastião Tavares de Pinho, como fruto natural da primeira sementeira do mestre comum a todos. O conjunto unitário dos *Portugaliae Monumenta Neolatina*, rosto principal desta Associação desde 2009, já conta com 25 volumes publicados⁹! A APENEL mostrou a capacidade que essa escola teve para se organizar, na colaboração interdisciplinar que sabemos ser indispensável à edição e ao estudo dos autores neolatinos, cujo domínio vai muito além das fronteiras estritamente literárias.

“Se é presente”, escrevia Vieira, “[o bem] causa gosto; se é passado, causa saudade; se é futuro, causa desejo.” Bem sabemos que a obra do Doutor Ramalho *causa desejo*; e por isso ela já está inscrita no futuro. A celebração deste centenário será ocasião para revigorar os estudos clássicos e neolatinos e reafirmar o sentido de escola que tem tanto para dar à cultura portuguesa. Essa será a melhor homenagem à memória do seu mestre, Doutor Américo da Costa Ramalho.

COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 26 DE OUTUBRO DE 2021

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 13 DE JANEIRO DE 2024

⁹ 27 volumes em 2023.

* A presente comunicação não segue a grafia do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.